

4 6
Leandro Gomes de Barros

O Dezréis do Governo



Conclusão da Mulher reubada

— 0 —

Manoel de Abernal e Ma-
noel Cabeceira

A' VENDA

JABOATÃO, Rua do Commercio Za-
char a Eustaquio.

PESQUEIRA, José Liberal.

BATATEIRA DE BONITO, Joaquim F.

RECIFE Henrique Dias.

VTB MIRANDA, PERNAMBUCO

RECIFE 1907

Os dezréis do Governo

Conversavam dous visinhos
Moradores de um sobrado
Exclamou, um oh ! visinho !
Já viu o que tem se dado ?
O que ? perguntou o outro
Os 5 réis do estado.

Pergunta outro visinho
Não é esse do vintem ?
E' um imposto damnado
Que não escapa ninguém,
E' peor do que bexiga
Não repara mesmo alguém.

Bexiga ainda tem vacina
Que um outro sempre escapa
Mais esse imposto d' agora !
Só a doutriua do Papa
Qualquer cousa que se compra
Os fiscaes dão mão de raspa.

Não me recordo do dia
Já estraguei a lembrança
Meu tio tem avó em casa
Foi fazer uma mudança,
Pois para tirar a velha
Foram com ella a balança.

Morreu uma italiana

No pateo de São José
Pesavam cento e dez kilos
Os bichos de cada pé,
Foi pesada e pagou tudo
Veja o mundo como é.

O caremano pai della
Humilde que só um réo
Dizia senhor perdoi-me
Isso faz chamar o céo,
Disse o fiscal faz lá nada
Isto aqui é um pitéo.

Senhor ! exclamava o velho
Não tem isso nem aquillo
Dizia serio o fiscal
Aqui não escapa um grilo,
A' de pagar o estado
Cinco réis por cada kilo.

Outro italiano velho
Que vivia aqui na praça
Com dez kilos de remendo
Que tem no fundo da calça,
Quiz sahir para a Italia
E não pode sahir de graça.

O gringo velho exclamava
Lançando um olhar no mundo
Oh ! Senhor ! este Brasile

E' um abysmo profundo,
Eu hei de levar a calça
Mas hei de deixar o fundo.

Comprou 3 caixas de flandre
Um funileiro atrazado
Ia sahindo escondido
Levando o flandre guardado
Disse um fiscal não senhor
Seu flandre á de ser pesado.

Nosso Brasil hoje está
Como quando inda era inculto
Quem foi quem já viu pagar
Por um meio absoluto ?
Pezar-se em meio da praça
Até fumo de matuto !

Eu já tive uma idéia
Encuti no pensamento
Quando entrar outro governo
A novo regulamento,
Eu creio que inda se peza
Chuva, sol, pueira, e vento.

Não sei o que descubram mais
Para acabrunhar o povo
E' medonho o disparate
Que traz o governo novo

Fica tudo igual ao pinto
Que morre dentro do ovo.

Antes de haver eleição
Sò vê-se é promettimento
Dizerem tudo melhora
Muda-se o regulamento
A melhora é augmentarem
Do que está sento por sento.

O mundo vai tão errado
E a cousa vai tão feia
A garantia do pobre
E' ponta-pé e cadeia,
As creanças já não sabem
O que é barriga cheia.

A Semana tem seis dias
Quem quizer andar direito
H. de dar dous ao estado
E dois e meio ao prefeito,
E não á de se queixar
Nem ficar mal satisfeito.

O commercio nada perde
Ganha com isso tambem
Cresse cinco réis de imposto
Elle cá sóbe um vintem,
E diz : chore quem chorar
Eu não sou pai de ninguem.

Entretanto o Brasileiro
Tem muito o que padecer
O governo que era o unico
Que podia proteger,
Diz : eu enchendo a barriga
Tudo mais pode morrer.

Assim mesmo ha homem
Inda esperando melhora
E vê que a justiça é cega
Disse ho ntem e néga agora,
E surda não ouve o écho
Do pobre afflicto que chora.

Conclusão da Mulher roubada

Paulo quando viu Minerva
Deu-lhe uma syncope, cahiu
Soltou um grito tão grande
Que a mulher do quarto viu,
Exclamou : oh ! que desgraça !
Minha mulher me trahiu.

Nada mais disse a policia
E seguio para a prisão
Dando-lhe muitas vertigens
Naquella pertubação
Estava da côr de tinta
O sangue do coração.

No outro dia ás dez horas
Paulo foi interrogado,
Porém nada respondeu
Do que lhe foi perguntado,
Nisso chegou o marinheiro
Que a Paulo tinha salvado.

Sr. commandante está preso?
Perguntou o marinheiro
O juiz lhe perguntou
Conhece o prisioneiro?
Conheço, disse o grumete
Pois não é Paulo de Alheiro.

Paulo não: disse o juiz
Paulo falleceu no norte
Não senhor: respondeu Paulo
O poder de Deus é forte,
A mulher mandou matar-me
Mas Deus revogou-me a morte.

Mas quem é sua mulher?
Enterrou o juiz
Não é Minerva de Alheiro
O ente mais infeliz,
Interrogue este grumete
Que sabe tudo e lhe diz.

Então o grumete disse
Tudo que se tinha dado
Deu os signaes de Pekin

Mas com o nome mudado,
O juiz disse Sr. Paulo
Você está mal informado.

Dr. eu não sou criança
Respondeu Paulo de Alheiro
Minha mulher me trahiou
Com aquelle traiçoeiro,
E para melhor provar
Fez-me até prisioneiro.

Vá chamar d. Minerva
Disse o juiz a um soldado
Disse Paulo: antes eu quero
Ser agora degolado,
Do que olhar a mulher
Por quem sou hoje ultrajado.

Dou-lhe metade dos bens
Se o Sr. me dispensar
Obrigado-me a ver Minerva
E' mais do que me matar,
De subto chegou Minerva
Paulo não pode fallar.

Quando Minerva chegou
Que conheceu o marido
Pensou na ingratição
Que já tinha commettido,

Devido a barba de Paulo
Que muito tinha crescido.

Caiu-lhe aos pés de joelhos
Pedi-lhe por caridade
Que liquidasse seus dias
Inda com rigoridade
Dizendo : creia por Deus
Não conheci-o hontem á tarde.

Mulher ! exclamava Paulo
Inda não estais consolada
De mandar tirar-me a vida
Por meio de uma cilada
Mostrou-lhe a fistula do tiro
Que ainda não estava sarada.

Te illudisses com um malvado
Progetastes a me offender
Eu para te já morri
Nada mais tenho a dizer,
Inda cheguei innocente
Tu me mandastes prender.

Minerva exclamou oh ! Paulo !
Não me levantes um falço
Eu estive nas condições
De um réo no cadafalço,
Deus vendo minha innocencia
Livrou-me desse embarço.

Ella ahí puchou as cartas
Que do correio recebeu
Entregou na mão de Paulo
Paulo abriu a carta e leu,
Ella perguntou a elle
Não foi você quem escreveu ?

Paulo quando leu a carta
Deu-lhe uma suffocação
Foi exacto : disse Paulo
Fiz ella com minha mão
Ahi contou a miudo,
Como foi toda atração.

Oh ! Minerva ! me perdôa
A minha grande maldade
Tive rasão de cismar
Visto o que deu-se hontem a tarde
Eu ainda hei de vingar me
Daquelle infeliz cobardo.

Paulo comprou um Yate
Então se lançou ao mar
Disse a Minerva : você
Por mim não tem que esperar,
Vou até o fim do mundo
Até Pekin encontrar.

Escolheu 10 marinheiros
E largou-se ao oceano

Levaram agua e comida
Para passar mais de um anno,
Foi o destino mais forte
Que se vio no corpo humano.

Andaram quasi 2 annos
Sem o poder encontrar
Uma noite muito escura
Viram um pharol no mar,
E Paulo apagou o d'elle
Para se certificar.

E' Pekin disse um grumete
Eu conheço o pharol d'elle
Navio ancorado ali?
Ou é pirata ou é elle,
Disse Paulo: se preparem
Vamos fazer fogo n'elle.

Disse o marinheiro velho
Faça-se averiguação
Lóde ser algum navio
De outra qualquer nação,
Disse Paulo: se for elle
Eu quero pegal-o a mão.

Com menos de duas horas
Tudo ahi se convenceu
Paulo aproximou-se d'elle
Que era Pekin conheceu,

Elle deu té que era Paulo
Abriu o ferro e correu.

Paulo seguiu atraz d'elle
Como um leão furioso
Como um cão com hydrophobia
Desesperado e raivoso,
E seis dias de viagem
Paulo não teve um repouso.

Correram 26 dias
Pelo mar desconhecido
Passaram em cabos e estreitos
Que nunca ninguém tinha ido
Disse Paulo: ou eu me vingo
Ou no mar sou consumido.

Um dia pela 10 horas
Pekin ahi desgraçou-se
O barco hia muito rapido
Deu n'uma pedra e furou-se
Não tiveram o que fazer
Pekin ahi entregou-se.

Miseravel ! exclamou Paulo
Estais agora em meu poder
Aqui mesmo eu não te mato
Pois Minerva ha de te ver.
Na forca de Portugal
Has de enforcado morrer.

Elle nada disse a Paulo
Perdeu de tudo a acção
Escumava pela bocca
Que parecia um leão,
Paulo cobriu-o de ferros
E levou-o no purão.

Chegou preso em Portugal
Assim que desembarcou
A justiça veio ver
Minerva se apresentou
Assim que elle viu Minerva
Cahi no chão e exclamou.

Inda preso e quasi morto
Nessa desgraça que estou
Tenho o prazer de olhar
Esta que me enfeitiçou,
Acenou-lhe com a mão
Neste momento inspirou.

Paulo abi sim : fez a barba
Pagou a tripulação
Largou a vida do mar
Descançou o coração
Foi viver com a mulher
Na antiga habitação.

Leitores peço desculpa
Se a obra não for de agrado

Sou um poeta sem força
O tempo tem me estragado,
Escrevo a 18 annos
Tenho razão de estar cansado.

Manoel de Aernal

Manoel Cabeceira

Cabeceira.— Sr. Manoel de Aernal
Sou Manoel Cabeceira
O cantador mais tímido
Que teve n'esta ribeira,
Póde ficar descançado
Que ou morre ou sae na carreira.

Aernal.— De onde vossa mercê veio
Tem outro d'esta maneira ?
Não tem medo de dizer
Que me bota na carreira,
Estará bebedo ou ficou doudo ?
Para dizer esta asneira ?

Cabeceira.— Aernal você para mim
E' menor que um grão de milho
Abraçe sua mulher
Vá abençoar seu filho
Estou com o rifle armado
Estou puxando no gatilho.

Aernal.— Tenho visto bacamarte
Armar e não desarmar
A pedra corta o fuzil
Mente fogo e não pegar,

Tenho visto atirador
Atirar perto e errar.

Cab.— Aternal estamos n'um jogo
Tenha muita precaução
Porque vou bater o jogo
Com curinguinha e zungão,
Você faça o que quizer
Não ganha nem uma mão.

Aternal.—A custa de meu dinheiro
Já vê que você não luxa
Póde se enganar
Desta vez você não puxa,
Que eu também sei fazer ponto
Não aguento esta bucha.

Cabeceira.—Para amançar valentão
Meu sitio está preparado
Eu tenho um portão de ferro
E aço bem temperado,
Basta ver elle de longe
Para ficar assombrado.

A.— Bem preparado que estava
O forte do maytá
O Lopes mesmo dizia
Nem o diabo vem cá,
Que dê que as forças privaram
Os brasileiros irem lá.

Cabeceira.—Eu esperando você
Preveni 4 serpentes
Cinco leões e trez urços
Que moem pedras nos dentes
Quinze cachorros de fila
Que vivem lá nas correntes.

Aternal.—Isto tudo são asneiras
Porque se eu quizer chegar
Metto o cacete nas cobras
Nem uma ha de me pegar,
Mato os urços e os leões
Sólto os cães e vou brincar.

C.—Aternal, as minhas armas
Faz todo mundo tremer
O a o do meu facão
Faz pedra se derreter
A lamina de meu punhal
Já fez baleia gemer.

Aternal.—Cabeceira seu facão
Foi feito de um aço frio
Elle póde fazer medo
As piabinhas do rio,
Seu punhal talvez se vire
Se for furar um pavio.

Cabeceira.—Aternal tenha cuidado
De me tractar com respeito
Em eu contar com você

Isto é um grande defeito.
Você é de ventre livre
Mas seu avô foi **sugeito**,

Abernal—Vem você **purar cores**
Me fallar em qualidade
Seu pai não é **mistição**?
Não **escureça a verdade**
Me **responda de quem foi**
Que **herdou esta branquidade.**

Cabeceira— Você **conhece meu pai**
Um **cidadão illustrado**
Minha **mãi uma mulher**
Sobrinha de **um magistrado**
Em eu **cantar com você**
Conheço que **estou errado.**

Abernal—Seu pai é **Felippe magro**
Vendedor de **caçua**
A vida de sua **mãe**
E' vender **tripa e pescar**
A quem não **conhece ella**
Está bom de **você pregar.**

Cabeceira—Abernal **estou cansado**
Não posso mais **debater**
Então **dizia Abernal**
E' o que **deve fazer**
Bateu aqui **está no risco**
De **desertar ou morrer.**

60ff

(265)